

O DESAFIO DA MATURIDADE

A URGÊNCIA DA FELICIDADE

Apontamentos do encontro de Davide Prosperì e Francesco Barberis com os finalistas dos *Liceus*

por videoconferência de Milão, 29 de maio de 2022

Cânticos: *Haja o que houver**
La strada

Francesco Barberis. Este caminho é mesmo bonito, porque, «haja o que houver», como ouvimos, «eu estou aqui», nós estamos aqui e esperamos algo de grande também esta noite. Entretanto, boa noite a todos, agradeço em especial ao Davide por estar aqui connosco, agradeço aos finalistas aqui presentes e aos que estão ligados, aos jovens do penúltimo ano e aos adultos presentes e à distância. É evidente que, depois da apresentação d' «*A voz única do ideal*» que o padre Andrea nos fez há uns meses, continua a existir – e na realidade, desejo-vos que exista sempre – uma luta, uma batalha em ação entre a «voz» do ideal, a voz que nos impele a não nos contentarmos nunca, e as circunstâncias que (como li em tantas das intervenções que enviaram) às vezes parecem, sobretudo neste final de ano, esmagar-nos ou até ir contra esta voz. Impressionou-me ler algumas palavras das vossas intervenções: «ideal», «destino», «presenças significativas», mas também «dificuldades» e «sacrifício». Evidentemente, nestes meses assumiram um peso específico novo, e voltaram a colocar-nos diante das palavras de *don* Giussani, todos desejosos de percebê-las e descobri-las novamente. Como ele diz: «O homem só na clareza e na segurança encontra energia para agir» em L. Giussani, *O caminho para a verdade é uma experiência*, Tencacitas, Coimbra 2007, p. 109). Clareza e segurança, olhem que são estas as palavras que justificam a razão pela qual estamos aqui esta noite, gratos por estar aqui o Davide para lhe podermos fazer perguntas.

Para que serve uma assembleia neste momento tão agitado do fim de ano? Pois bem, esta pode não ser nada, ou ser um ponto decisivo para partir ou repartir. No fundo, cada um se moveu para estar aqui – ainda que online – apenas porque espera alguma coisa da qual partir ou repartir. Tudo depende de ti: pergunta-te se estás aqui porque não sabias onde ir, ou porque esperas alguma coisa. Por que é que estás aqui? O que é que procuras? O que é que procuras na nossa amizade? O que é que te aconteceu nestes meses? O que é que esperas das pessoas sentadas ao pé de ti? Que caminho queres fazer para alcançar o ideal a que a tua vida aspira desde que te levantaste esta manhã? Para iniciar este diálogo, escolhemos algumas das intervenções que chegaram identificando quatro temas. Partimos do primeiro tema que surgiu em tantos contributos; podemos resumi-lo assim: o desafio do presente.

* «*Haja o que houver, eu estou aqui, / haja o que houver, espero por ti; volta no vento, ó meu amor, / volta depressa por favor. // Há quanto tempo, já esqueci, / por que fiquei longe de ti; / cada momento é pior, / volta no vento por favor. // eu sei / quem és para mim, / haja o que houver, / espero por ti*») «Haja o que houver», de P.A. Magalhães, Madreus).

É possível viver a circunstância, a de hoje, a destas semanas, como protagonistas e não esmagados pelas dificuldades?

Olá, vou para último ano; aviso já que estou a fazer um Liceu que me está a pôr à prova. No verão passado chumbei a Física, coisa que aceitei bastante mal, como se fosse um falhanço do qual me envergonhava um pouco e do qual queria que o mínimo possível de pessoas soubesse; só depois percebi que estava errada. Na realidade, não era nada de tão grave assim, ainda que às vezes eu me esqueça disso. Acontece que contei a alguém e num momento de crise um amigo disse-me: «Por que é que não mudas de escola? Se este ambiente te faz estar assim, por que é que ficas?». Eu sem sequer pensar, respondi com um «não» seco. Achava que o assunto estava encerrado, mas aquela pergunta ficou-me na cabeça todo o ano e também este ano esteve bastante presente e, apesar de ter estudado coisas de que gostei mesmo muito, tive de renunciar a muitas coisas e o facto de ser emotiva não me deu um minuto de tréguas. Entretanto, perguntava-me: «Vale a pena fazer todos estes sacrifícios?». Há alguns meses, durante uma semana em que o estudo me estava a esmagar, desatei a chorar na casa de banho da escola e uma rapariga aproximou-se para me fazer companhia. Depois de ter falado um bocadinho, disse-lhe que era um período cheio de coisas para fazer, que me estavam a afogar um pouco. Ela disse-me então que este ano é um pouco uma armadilha, como que a dizer que que agora era demasiado tarde para mudar, não convém, é melhor aguentar e seguir em frente; e assim surgiram-me novas dúvidas: «Mas será mesmo assim para mim? Faço esta escola só porque é demasiado tarde para mudar?». Não creio que seja assim, ou pelo menos, não quero que seja assim. Quero fazer esta escola porque sei que é um ambiente de pessoas que têm vontade de estudar, porque os professores fazem com que me apaixone pelas matérias que ensinam e porque os meus esforços são recompensados. Ao mesmo tempo, porém, sei que viver a escola com a angústia com que eu a vivo, que renunciar a dormir as horas de sono de que precisaria e a ir aos Liceus, não vale a pena. Reconheço, por isso, que para viver ao máximo a escola e, conseqüentemente, também tudo o resto, devo mudar. E por isso quero perguntar: como é que faço para fazer acontecer esta mudança? Como é que posso libertar-me desta armadilha e fazer com que as minhas renúncias, que seguramente devo diminuir, sejam recompensadas? Como é que posso conseguir não ser esmagada pelo estudo tendo em conta o último e, imagino, difícil ano que me espera?

Olá a todos. Como de costume, no início do ano tentei planificar tudo para me preparar para os exames finais. Mas, a uma dada altura, as coisas começaram a não correr com os prazos que eu tinha programado; além disso, tinha perto de mim pessoas que já tinham escolhido a Universidade, e sentia-me atrasada em relação a todos. De fevereiro em diante, entrei assim num loop de apatia e só tinha uma grande confusão, a única certeza que me restava era que depois dos exames iria viver para fora, porque aqui não ficava de maneira nenhuma. Mas isso não me bastava, estudava muito, mas com um desânimo enorme; a certa altura, porém, tive a necessidade de perceber qual seria a escolha universitária melhor para mim, mas, querendo inscrever-me no exame de admissão, descobri que as vagas disponíveis naquela Universidade tinham acabado. Passei dias muito tristes, parecia-me que tudo estava contra mim e que talvez estivesse a tomar decisões erradas. Depois tentei arregaçar as mangas, fiz outros exames de admissão e tirei a carta de condução. O meu único objetivo continuava a ser acabar a escola e ir-me embora daqui o mais depressa possível. Depois, pensando no pós-escola, na vida, nas escolhas e nas dificuldades e vendo o fim deste percurso cada vez mais próximo, pela primeira vez comecei a ter um enorme aperto. Sentia que tudo era demais para mim, desproporcionado. Depois aconteceu uma coisa: uma noite vi na Tv uma notícia sobre uma

rapariga ucraniana, a quem tinham sido amputadas as duas pernas, mas que ainda assim tinha decidido casar-se. Vi a imagem do seu noivo, que a levava ao colo e dançavam juntos no hospital com um sorriso aberto, e este facto despertou-me, fez-me ver que as situações podem não me reduzir, não me esmagar, e que talvez não seja tudo demasiado para mim.

Davide Proserpi. Olá a todos. Começo por responder ao que dizia a primeira amiga que interveio. Eu julgo que o momento que estão a viver é um dos mais bonitos da vida, pelo menos para mim foi assim, tenho essa recordação. O período em que se acaba o Liceu, o secundário, e nos abeiramos da escolha daquilo que vamos fazer depois – quer seja ir para a Universidade, trabalhar, ou sabe-se lá o quê – é muito denso, como estas duas primeiras intervenções já nos recordaram, e como cada um de vocês sabe bem porque o está a viver. É muito denso porque acontecem simultaneamente duas coisas grandes: por um lado, há os prazos dos exames finais, que, inevitavelmente, vivemos como um objetivo, claro, com a justa preocupação de como irão correr e a dificuldade da preparação; e o que é bonito é que ninguém consegue não se ralar: mesmo que tenha estudado com indiferença durante quatro anos, cinco anos, ou tenha tido sempre vintes a tudo, ninguém consegue encarar este momento de ânimo leve. Por que razão digo que isso é bonito? É bonito porque é uma graça quando há momentos assim na vida; quando há circunstâncias que te obrigam a ser sério diante da vida são momentos de graça, porque marcam uma forma mais verdadeira de estar diante de todas as coisas. Porque uma pessoa apercebe-se de que não pode governar a realidade a seu belo prazer, que as coisas não são aquilo que nós queremos, não correm como nós queremos; temos de enfrentar uma realidade que é maior do que nós, mas desejamos empenhar-nos por ela. Sentimo-nos, de algum modo, obrigados, engajados, e empenharmo-nos por ela.

Por outro lado, eis a segunda razão, tudo isto decorre paralelamente a uma escolha (o que fazer depois, o que irá acontecer?), a uma partida importante, porque nós sentimos toda a urgência, não apenas de fazer a escolha certa, mas da felicidade. O medo que podemos sentir ao pensar que podemos errar a escolha é porque temos medo que daqui possa depender a nossa felicidade ou infelicidade; em suma, percebemos que está em jogo uma coisa grande. Logo, é um momento muito importante.

Sobre o tema do falhanço, de que falava a primeira rapariga que interveio, queria fazer duas observações: eu percebo aquilo que ela diz, mas temos de perceber qual é a raiz deste sentimento que podemos ter; quando as coisas correm mal, quando falhamos nalguma coisa e nos sentimos mal conosco mesmo, além da desilusão com a coisa em si, sentimos talvez mal-estar em relação aos outros. Porquê? Porque o vivemos como um falhanço, mas por si só o falhanço nunca é um problema, não é isto que nos assusta; aquilo que nos assusta, amiga, é não apenas termos falhado, mas que o nosso falhanço signifique que nós somos uns falhados, que o termos falhado nalguma coisa, de alguma maneira, coloque em dúvida a grandeza para a qual nos sentimos feitos. Ou seja, reduza o horizonte das nossas expectativas humanas – «eu não sou capaz», «os outros veem-me assim» –. Mas a experiência do falhanço é precisamente o contrário disto, e temos disso muitos testemunhos, mesmo de pessoas que perdem tudo e, no entanto, recomeçam. Ela contava, antes, daquela rapariga ucraniana. Como é possível uma coisa daquelas? É possível porque até o falhanço dá origem a uma pergunta, ou seja, torna-se olhar de compaixão sobre nós mesmos, damo-nos conta de que somos pequenos, de que não somos nós, com as nossas forças, que fazemos a nossa grandeza. A nossa grandeza só nos pode ser dada por outro.

Com isto respondo à segunda pergunta que faziam e também àquilo que dizia a segunda intervenção, e faço-o contando um episódio do Evangelho muito conhecido de todos. Quantos de vocês já estiveram na Terra Santa? Eh, alguns, poucos, sobretudo adultos. Bem, eu sugiro-vos que vão, porque

há muitas coisas que se percebem muito melhor, percebe-se o aspeto concreto das coisas que lemos no Evangelho, que ouvimos Jesus contar, quando as vemos. Por exemplo, quando passei em Caná, recordei-me dum episódio do Evangelho (com efeito, em Caná aconteceu o primeiro milagre de Jesus) sobre o qual sempre me interroguei – quando tinha a vossa idade e havia este Evangelho interrogava-me sempre – : «Mas por que é que Jesus, que abriu os olhos ao cego de nascença, pôs de pé os aleijados que estavam nos seus catres, ressuscitou um morto, fez milagres poderosíssimos, faz como primeiro milagre – é o primeiro milagre contado no Evangelho – a transformação da água em vinho?». Com todas as coisas que eram necessárias, com todas as dificuldades que as pessoas tinham, transforma a água em vinho? É um desperdício. Toda a energia de Deus concentrada numa coisa assim tão banal, porque no banquete nupcial já não tinham mais vinho. Mas vamos a Caná e percebemos, porque quando vemos as casas dos judeus, sobretudo daqueles um pouco mais abastados, tinham todos quartos para as abluções. Descia-se, e havia uma espécie de piscina dentro de casa que não servia para tomar banho, mas para se lavarem. Porquê? Porque tinham de se purificar, por exemplo, antes de comer, tinham de se purificar, porque se não estava-se impuro e a água era um pouco a tentativa do homem de se elevar a Deus, ou seja, precisamente de se purificar. Ou seja, o nosso esforço é para conquistar aquela grandeza para a qual nos sentimos feitos, ao passo que o vinho, na antiguidade – quem de vocês fez o Liceu Clássico sabe isso melhor do que eu – era considerado o néctar dos deuses, e também para os judeus era um dom de Deus, um sinal do amor de Deus.

E então, o que é que acontece? Acontece que, a dada altura, acaba o vinho no banquete e então a mãe de Jesus diz-lhe: «Já não há vinho! Acabou o vinho», que quer também dizer: já não há amor, já não experimentam o amor de Deus, estão de tal modo presos à sua tentativa de se elevar a Deus com o seu esforço, com a sua ética, com as suas energias, com a sua tentativa de purificar-se, de serem sempre melhores aos olhos de todos, que já não reconhecem que Deus os ama e isto torna a sua vida vazia de amor. A vida passa a ser o sentimento dum contínuo falhanço, porque nos damos conta de que esta força de nos elevarmos a Deus é limitada, nós não a temos. O que é que lhe responde Jesus? «Mulher, que queres de mim? Não chegou ainda a minha hora» (cf. Jo 2). Nunca se perguntaram por que razão Ele diz isto? Porque é claro que, se fizer aquele gesto – transformar a água em vinho –, Ele declara a todos quem é, porque só Deus pode realizar aquilo que o homem não consegue fazer com as suas forças: alcançá-Lo.

O homem pode tender para Ele, mas só pode chegar a Ele através dum dom gratuito, na experiência de um amor gratuito, total: «Assim como és, eu amo-te. Assim como és, tu tens valor para mim». Então Jesus realiza aquele gesto e, ao realizá-lo, dá gratuitamente, diz: «Aquilo que vocês tentam fazer com as vossas forças, vocês que são tão incapazes de realizar, tão insuficientes, mesmo com toda a energia que empregam nisso, eu trago-vos, eu dou-vos e dou-vos gratuitamente. Sou Eu». E então, a experiência que fazemos deste limite, desta dificuldade, destes falhanços contínuos, torna-se gratidão infinita por esta gratuidade através da qual Cristo nos dá o Seu amor, ou seja, nos dá aquilo que nós queremos obter sem o conseguirmos! A estima que queremos dos outros. O reconhecimento que queremos dos outros. O facto de nos sentirmos valorizados por aquilo que nós pensamos de nós mesmos e por aquilo que queremos ser.

Tudo isto nos é dado gratuitamente, e onde é que fazemos experiência disso? Numa companhia, ou seja, num lugar onde somos olhados, estimados, amados não por aquilo que pensamos valer, mas por muito mais! Por aquilo que somos, por aquilo para o que somos feitos. O estarmos aqui juntos é a promessa de que este amor se realizará na nossa vida, que este juízo de grandeza, este bem para o qual nós nos sentimos feitos se realizará na nossa vida.

Olá a todos. Uma frase que marcou fortemente o meu caminho de fé recentemente e que a escolha para o futuro torna ainda mais ardente é: «Deitem as redes do outro lado». Como diz Giussani em É possível viver assim?: «As nossas palavras (...) primeiro penetram, entram na cabeça e, por isso, ainda não querem dizer quase nada, mas depois penetram no nosso coração e então começam a querer dizer qualquer coisa» (L. Giussani, É possível viver assim, Vol. III, Esperança, Tenacitas, Coimbra 2009, p. 33). Eu cada vez mais percebo com a cabeça e com o coração a verdade daquilo que dizemos, senti também o ardor duma experiência viva e sólida em Cristo, mas vejo ainda em mim alguma resistência em confiar-me a Deus, em dar a minha vida. O que me retém? Este ano vi e ouvi diversos testemunhos de pessoas que deram a vida a Cristo, e eram as pessoas mais felizes. Cresce em mim o desejo, a exigência de ser como elas, de dar cada hora a Ele, mas como? Porque é que todos os dias tenho tendência a reduzir este infinito desejo de grandeza e de santidade que trago no coração?

Prosperi. Olha, fazemos assim, em vez de partir do fim, partimos do início. O início não é o medo de perder este desejo que tens, o início é que tens este desejo. E olha que isso é o que faz a diferença; de facto, porque é que uma pessoa tem medo de perder alguma coisa? Porque gosta dela. Se gostas duma rapariga, porque é que tens medo de a perder? Porque gostas dela. Então, a primeira questão que este sentimento que encontras em ti te põe é veres o que é este desejo que sentes arder dentro de ti.

Este desejo de grandeza, este desejo – disseste tu – de santidade, até mesmo de santidade, ou seja, de grandeza – é a mesma coisa –, que sentes dentro de ti, nasce da experiência que viveste até aqui. A experiência vivida levou-te a reconhecer aquilo de que o coração é feito, porque tu podias fazer uma experiência completamente diferente e não teres minimamente este desejo, e portanto também o medo de perder este desejo que tens.

Então a primeira questão é estares grato pela experiência que te levou a reconhecer isto, e assim te indicou já o caminho para perceber como não o perderes: ficas ligado a esta experiência! Deves permanecer dentro daquilo que começou a fazer aproximar o horizonte dos teus dias daquilo para que és feito.

Nós temos, depois, a preocupação de encerrar o jogo, ou seja, de saber como irá acabar; o gosto, pelo contrário, está em jogar, quando ainda há uma aventura para realizar. Portanto, o problema da vida é não fechar este desejo; não é saber como irá acabar – isso veremos –, porque aqui está a beleza da vida, está a beleza da aventura. Então, queres uma sugestão? Não te afastes da experiência que te levou a desejar as coisas que disseste, porque estas coisas são verdadeiras. A vida poderá colocá-las em discussão, seguramente meterá em crise as coisas que estás a dizer, de uma maneira ou de outra, com as provas que te dará, talvez já tas tenha dado, não sei, mas tu marcaste o caminho para enfrentar qualquer crise. Quando nós fazemos um encontro no qual se aproxima o horizonte de uma definitividade, através do qual percebemos que nos sentimos feitos para nada menos do que aquilo, não é que então nos devamos preocupar com sabe-se lá que outras coisas que irão acontecer. Elas vão acontecer, de qualquer maneira. Mas tudo aquilo que acontecer confirmará, tornará cada vez mais verdadeiro, mais profundamente verdadeiro aquilo que te fez descobrir esta verdade sobre ti, sobre a tua humanidade.

O caminho está à tua frente, e as provas não serão – por assim dizer – a fasquia para ver a que nível está a tua fé, quão santo és e quão grande és; as provas serão a forma com que Deus te fará crescer na fé, e assim poderás perceber cada vez mais ao que é que está ligado na vida. E irão tornar-te cada vez mais forte, se não perderes de vista a origem daquela experiência, se não te afastares dela.

Barberis. O Davide começou já a tocar no segundo tema, quando disse: «O início não é o medo de

perder este desejo que tens, o início é que tens este desejo», daí a gratidão por este desejo que nada pode esmagar. Ora, o segundo tema é a incógnita do futuro, se é possível enfrentar o risco do futuro sem medo.

Olá. Nestas últimas semanas sinto algumas dificuldades, porque me parece que o mundo em que vivi estes anos, que é uma casa para mim, daqui a dez dias vai desaparecer e não fico com nada nas mãos. Tenho medo de que, mudando as circunstâncias, as minhas certezas, entre professores, colegas, mais velhos se percam. Sobretudo, este ano foi uma descoberta maravilhosa, entre amigas nascidas com colegas de turma para quem nunca tinha olhado, o grupinho que se tornou um ponto firme, o sábado a estudar com amigos juntamente com um professor nosso e os jantares em casa dum nosso amigo padre. Tenho pontos firmes onde apostar tudo, mas estes não me tiram o medo. Dou-me conta, mais do que nunca, nestes dias, que me falta alguma coisa, tenho um desejo gigante, antes de mais, de viver bem este final da escola, estudando com os meus amigos e depois no próximo ano a universidade, porque, tendo em mente esta beleza que vi aqui na escola e em Dergano, não posso desejar menos do que isto. Tenho um medo enorme de não encontrar esta beleza e não consigo confiar plenamente no facto de que aquilo que virá é pensado precisamente para mim.

Prosperi. Tu, há três anos, onde estavas?

Aqui.

Prosperi. Mas terias imaginado que hoje poderias dizer as coisas que estás a dizer?

Não.

Prosperi. Porquê?

No início do Liceu, sobretudo no décimo ano, demorei um bocadinho a carburar, mesmo a nível de amigas. Esperava, desejava, ainda que não tivesse muito bem na cabeça aquilo que depois vi e experimentei nas amigas; portanto, não.

Prosperi. Precisamente, tu esperavas – é muito certo aquilo que ela diz, é muito sincera –, mas não vias ainda o que poderia ser, certo?

Sim.

Prosperi. O quer isto dizer? Não sabias como, mas aconteceu. Ou seja, tu agora podes dizer estas coisas, ainda que há três anos não as tivesses imaginado, devido ao que és, ao carácter que tens, às dificuldades que sentias, etc.. Não poderias tê-lo imaginado, porém, aconteceu. Isto significa, acima de tudo, que não somos nós que governamos a nossa vida e o nosso destino, mas certamente o nosso desejo é como uma bússola que nos orienta quando o destino se aproxima do horizonte da nossa vida. Tu conseguiste reconhecer aquilo que era para ti. Conseguiste prender-te às amigas verdadeiras que agora não queres perder, conseguiste apostar, arriscar, assim como és, com o teu temperamento, com as tuas características, com os teus méritos, as tuas dificuldades, com tudo aquilo que és, conseguiste apostar numa experiência que te parecia fascinante. A ponto de te levar a atravessar a cidade porque vias que era fascinante, e isto faz-te perceber que o teu desejo te move muito mais além do que o cálculo das tuas forças poderia fazer. Porém, atenção, porque agora é preciso dizer uma coisa importante. O que é que há de diferente em relação a há três anos? Vais dizê-lo tu? Diz!

Não, talvez, se antes...

Prosperi. Um Mottarello (*um gelado tipo Super-maxi, famoso em Itália, nt.*) se adivinhares; estou a brincar!

Talvez antes não fizesse tanto caso do facto de não estar verdadeiramente contente, ao passo que agora tenho na cabeça as amigas que me ajudam, e se não as tenho dou por isso.

Prosperi. Muito bem! Claro, experimentaste isso! É essa a diferença; então, se fizeste esta experiência – atenção –, tu dizes: «Eu tenho medo de perder isto», mas antes ainda de dizer: «eu tenho medo de perder isto», tu tens a certeza de que fizeste esta experiência! Tens a certeza de que aquilo que o teu coração deseja existe! Primeiro havia alguma coisa que tu sentias que era desejável, confusamente aspirável; agora sabes que existe! Tem rostos, caras, há colegas, amigos, uma experiência de estudo, de sucessos, de insucessos. Estás num caminho. Então, este caminho que começou é feito de rostos, caras, é um âmbito, uma companhia, a que nós chamamos o «movimento», são relações, nas quais tu vês que podes ter dificuldades no estudo, dificuldades em viver algumas relações que talvez sejam mais difíceis, mas que te ajudam em tudo. Isto existe, e não é que por saíres da tua escola deixe de existir. Isto existe, em primeiro lugar, porque existem estas relações, logo a primeira coisa que te digo é: «Parte daí», porque parte-se sempre do ponto de certeza que se tem; depois, daí, seguramente nascerá e crescerá muito mais, porque isto é um início. E tu verás que isto te tornará ainda mais segura e mais contente.

Eu sou professor universitário. Quando escolhi a universidade, dei por mim a fazer Química, mas nunca teria pensado tornar-me professor universitário, porque depois do segundo ano queria largar, não aguentava mais. A Química é difícilíssima (está aqui uma amiga que se lembra bem), eu estava em crise e queria ser guia alpino. Aguardei – alguns amigos me ajudaram –, mas, a certo ponto, estava quase decidido (não o tinha dito aos meus amigos, porque não queria que me convencessem do contrário) a desistir. Mas precisamente nesse momento, foi em 1994, fui aos Exercícios do CLU e vi pela primeira vez de perto, ouvi pela primeira vez falar *don* Giussani; foi mesmo um acontecimento: desde esse dia, percebi que não desejava viver para nada menos do que aquilo de que falava aquele homem. Desde aí comecei a tentar encontrá-lo; levou-me um ano, porque era difícilíssimo aproximarmo-nos, ele começava a não estar muito bem, e daí começou uma relação. A coisa mais extraordinária é que depois daquele encontro recomecei a sentir entusiasmo até pelo estudo. Primeiro, o entusiasmo era simplesmente por aquele lugar onde era possível estar com ele e com aqueles que estavam com ele, ou seja, pela experiência que havia à volta dele e que para mim era tão fascinante. Depois recomecei a apaixonar-me também pelo estudo, tanto que fiz o doutoramento, e agora sou professor universitário, e não porque o tivesse escolhido desde o início, mas pelas circunstâncias da vida.

Tudo isto é para dizer que quando na tua vida acontece um encontro percebes que qualquer coisa mudou; surge alguma coisa – cristãmente, chama-se «acontecimento», o acontecimento é alguma coisa que acontece – que não tinhas previsto e que te muda, te muda definitivamente; e mesmo que tu te fosses embora, ainda assim tinhas-te mudado. Quando acontece isto a vida orienta-se, tal como para mim, e também para ti, a vida se orientou, por isso não deves ter medo.

Obrigada.

Sou finalista e queria falar destes últimos meses que para mim foram muito especiais. Estive rodeada de amigos completamente envolvidos na procura do seu caminho para a Universidade. Eu vejo-os todos compenetrados para perceber, a partir de qualquer coisa, de cada aula, de cada tarde de estudo, de qualquer encontro, o que faria sentido para eles no próximo ano. Impressionou-me mesmo vê-los crescer aos poucos na sua consciência, ao ponto de quase os invejar, tendo eu feito um percurso completamente diferente, porque tive a “sorte” – não sei se é uma sorte, na realidade – que a minha hipótese inicial, ou seja, fazer Medicina, se tornou cada vez mais clara e segura, enraizando-se cada vez mais fundo como escolha definitiva graças a encontros e experiências sobre este assunto. A questão, porém, que mais me toca nestes meses chega num segundo momento, logo a seguir à escolha: é bem sabido por toda a gente que o exame de admissão a esta faculdade é muito difícil e é

ainda mais difícil passar em Milão. Em relação a isto, eu vivo uma constante dicotomia porque a minha cabeça é hiper-racional e concreta e sabe que o facto de ser recusada, hipoteticamente recusada, não deveria ser um drama, e que, portanto, seria ilógico e insensato pensar nisso como um falhanço e transformá-lo em seguida num juízo pesado sobre mim mesma. Por outro lado, surge inevitavelmente em mim este passo, sempre que há um obstáculo no meu percurso, seja na amizade ou na escola, mas muitas vezes também em família: é imediato sentir um peso esmagador sobre mim e ficar, não digo atormentada (atormentada talvez seja um pouco demais), mas muito presa a perguntas sobre mim – «será que isto aconteceu porque não estou à altura, ou porque tenho alguma coisa de errado?» –. É extremamente difícil sair deste fosso que cavo sozinha, porque me sinto assoberbada por mil questões, ainda por cima sabendo que na realidade não é a forma correta de ver as coisas. Sabendo que este mecanismo está errado, começa a crescer este juízo e é um círculo vicioso que não me deixa respirar. Dito isto, eu estou muito grata, extremamente grata aos meus amigos, e não porque consigo sair disto graças a eles, mas porque vejo a sua atenção, vejo como me olham; por outro lado, digo a mim mesma que terei de conviver comigo toda a vida e queria aprender a ver eu, a mim mesma, em primeiro lugar, assim, mas não consigo.

Prosperi. Não é só isso, pensa que talvez encontres um rapaz que terá de conviver também ele contigo toda a vida!

Coitadinho, tenho pena dele...

Prosperi. Brincadeiras à parte, a coisa torna-se complexa e por isso é preciso perceber como enfrentá-la. Mas não me parece que estejas assim tão mal, sinceramente, parece-me que as coisas que dizes, de alguma maneira, são as que qualquer pessoa pode pensar. É justo, é normal que tu tenhas medo de não passar no teste, por aquilo que dizíamos antes, ou seja, porque é importante para ti. O medo – é preciso que isto fique claro – não é um sentimento primário, é um sentimento secundário que surge em consequência do desejo, do facto que tu desejas alguma coisa e então tens medo de não conseguires obtê-la, ou tens medo de perdê-la se já a tens, por quê? Porque é o sinal do quanto uma coisa vale para ti. Um homem, uma mulher, uma rapariga é uma unidade em si, por isso tu não consegues separar os sentimentos primários dos secundários; nós somos um todo, uno, e então não estás errada por sentir este medo. Qual é o ponto? O ponto é que tens de decidir em que apostar. E apostar – esta é a única palavra que se pode utilizar neste caso – significa que tu não podes saber qual será o verdadeiro resultado. Apostar quer dizer que uma pessoa tem de arriscar.

O problema, então, passa a ser por quê vale a pena arriscar, percebem? Na aparência, o que quer dizer arriscar? Quer dizer que tu deves dedicar o teu tempo, que podias empregar noutras coisas, para estudar, para te preparares para o teste, para pedires aos outros amigos para te ajudarem, para veres os temas de exame, ires às preparações; e depois farás o teste, que pode correr bem ou mal. Pode correr bem em Siracusa (tens de estar disposta a ir até Siracusa, por exemplo) e ali, conforme te correrem as coisas e os sinais que te forem dados, tu serás chamada e não apenas uma vez; talvez te corra bem à primeira em Bicocca – espero que sim, e então irás para Bicocca –, talvez não, talvez tenhas de decidir entre várias opções e de todas as vezes serás colocada diante da mesma questão. Mas isto é um bem, porque todas as coisas mais importantes da vida que nos podem dar sempre mais, tornar-nos cada vez mais seguros e dar-nos cada vez mais certeza, implicam o risco da nossa liberdade.

Não é um mecanismo que nos torna certos do bem de alguma coisa que escolhemos. Tu tens namorado?

Não.

Prosperi. Se por acaso o encontrares, ou se decidires outra coisa na vida, o que quer que decidas,

qualquer que seja o teu caminho, chegará o momento em que sentirás de forma dramática esta questão. Qualquer que seja o teu caminho! Mesmo que o rapaz mais giro de todos, que todas querem, te tivesse escolhido a ti! Pensa um pouco, com aquilo que disseste, se dirias: «Não, porque é um risco»; mas o risco é fundamental para podermos conquistar mais certezas, porque as certezas mais importantes da vida são certezas afetivas, ou seja, implicam uma ligação, uma entrega de nós mesmos. Isto faz parte do método com que nos tornamos certos, caso contrário nunca seremos convencidos e na primeira curva mudamos de ideias. Por isso é uma bela ocasião: tu atira-te, tenta, depois vemos, conforme correr, e decidirás como orientar a questão.

Depois conto-te.

Barberis. Passamos ao terceiro tema, que diz respeito ao drama da escolha, como escolher entre duas coisas que fascinam.

Olá, frequento o penúltimo ano de carpintaria. Acabei há pouco um estágio que me correu muito bem e onde me dei conta de que o trabalho para o qual estava a estudar me agradava muito. Antes deste estágio, tinha ideias muito claras sobre o que iria fazer no futuro, ou seja, continuar a estudar e especializar-me na minha área, mas depois deste estágio de uma proposta futura de trabalho a minha ideia clara dividiu-se em dois, ou melhor: continuar a estudar ou trabalhar. Por isso a minha pergunta é: como é que faço para escolher, visto que queria fazer ambas as coisas?

Prosperi. Boa! Em primeiro lugar parabéns pela tua escolha; conheço um carpinteiro que fez milagres... e desejo-te que faças o mesmo!

Barberis. Só percebi agora, porque eu tenho mesmo um amigo carpinteiro e pensei: «Mas que milagres é que ele fez?». Ah, ah...

Prosperi. A minha filha está a enterrar-se na cadeira, porque são as piadas que eu digo à mesa! Na prática, a resposta à tua pergunta, na realidade, é bastante simples, mas perdoa-me se antes conto uma coisa que penso que pode ajudar também aqueles de vocês que estão em pânico porque ainda não decidiram o que fazer a seguir. Ao contrário de ti, eu de facto não sabia o que fazer, ou melhor, sabia, no sentido em que a minha escolha era verdadeiramente muito frágil de razões. Eu queria fazer engenharia por um motivo verdadeiramente muito material. Como perdi o meu pai quando era pequeno, vivi toda a minha infância e juventude sempre a esforçar-me; e também tenho um irmão que é um literato de altíssimo nível, era claro que ele iria tirar letras e seria um teso, e depois foi para padre – imagina – e por isso eu disse: «Vou fazer uma coisa onde pelo menos se ganhe dinheiro, pelo menos haverá alguém na família que ganha». Naquele tempo um engenheiro ganhava bem e eu sentia-me bastante inclinado. Porém, eu tinha também uma grande paixão pelo alpinismo radical, fazia coisas um tanto ou quanto loucas: ao sábado, quando acabava a escola (ia para a escola com a corda na mochila) apanhava o comboio com alguns amigos e íamos. No último ano tinha-me treinado todo o inverno para enfrentar a variante de um percurso nova na parede sul do Cervino; tu já estiveste em Cervinia?

Não.

Prosperi. Mas sabes o que é o Cervino, certo? Seja como for, era uma parede muito difícil e por isso tinha treinado duramente todo o ano. Efetivamente, não sabia se queria fazer engenharia, também eu, como a amiga de há pouco, estava preocupado com o exame de admissão, porém tinha dito a mim mesmo: «Está bem, estudo para o exame». Depois do fim do ano, fui com os meus colegas à peregrinação a Czestochowa para pedir a Nossa Senhora que me iluminasse as ideias sobre o que fazer. Regressado da peregrinação, saiu a data do exame – estávamos já a meio de agosto –; o exame estava

programado para um dos únicos três dias em que a meteorologia dava tempo estável, depois disso viria o outono e o ano teria passado. Por isso vi-me diante desta dúvida terrível: «O que faço? Vou enfrentar a parede sul do Cervino (que era a minha paixão) ou o exame de engenharia (que era a coisa certa a fazer)?». Tu o que terias feito? O Cervino? Foi exatamente o que eu fiz, fui ao Cervino e, portanto, não fiz o exame de engenharia. Sabias já a minha resposta, porque eu disse antes que fiz química. Depois do Cervino tive de decidir o que fazer, não sabia bem o quê; acabei por ir para Química e esta tornou-se a estrada da minha vida. E estou muito feliz por ter feito esta escolha.

Tudo isto para dizer duas coisas: primeiro, não devem pensar que a vossa felicidade ou infelicidade se joga apenas com base nas vossas escolhas, porque, se fosse assim, queria dizer que o nosso destino depende totalmente de nós, quando, pelo contrário, tudo aquilo que dissemos esta noite prova exatamente o contrário, ou seja, que há Alguém que nos quer bem, nos quer bem em cada instante e portanto que cada instante é ocasião para nos dizermos: «Este é o teu lugar». Não digo que isto não deva fazer-nos levar a sério as escolhas que temos de fazer, aliás, devemos levá-las ainda mais a sério, porque estas são a forma como nós pedimos a este destino para nos mostrar o caminho e realizar-nos. E quanto mais uma pessoa está comprometida com o seu desejo, as suas paixões, as suas perguntas, quanto mais estiver comprometida com elas, tanto mais estará atenta aos sinais que lhe são dados para perceber qual é o caminho mais adequado.

A segunda coisa é não subavaliar as tuas paixões, as tuas paixões boas, obviamente não entendidas no sentido instintivo do termo. As tuas paixões no sentido daquilo que te move verdadeiramente, daquilo que entrevês como uma possibilidade de realização para ti. Lembra-te sempre que é uma tentativa, será sempre uma tentativa. Se correr mal, terá sido ainda assim uma tentativa e ter tentado vai esclarecer-te qual é a coisa mais adequada para ti e permitir-te-á seguir em frente. A tua situação parece-me simples porque tu tens as duas paixões – percebeste que queres estudar, mas gostas de ser carpinteiro –: podes ser carpinteiro depois, se a dada altura, continuando a estudar, perceberes que já não tens vontade; ou, acabas os teus estudos e então serás carpinteiro tendo estudado mais, e, portanto, seguramente farás coisas que talvez não pudesses ter feito sem ter estudado. Por isso não tens nada a perder continuando a estudar, a menos que tenhas uma necessidade objetiva que te impõe que vás trabalhar.

Se uma pessoa tem uma necessidade objetiva, deve ter isso em conta, porque os critérios para a escolha são os três referidos n' *A voz única do ideal*: o complexo de inclinações ou dotes naturais, a que chamamos as nossas paixões; a circunstância inevitável, devido à qual uma pessoa se vê obrigada a ir trabalhar porque houve, por exemplo, um desastre familiar; as necessidades da Igreja e do mundo (cf. J. Carrón, *A voz única do ideal. Em diálogo com os jovens*, San Paolo, Cinisello Balsamo-Mi 2018, pp. 17-26). Estes são os critérios objetivos – objetivos! –, incluindo a inclinação, que é um critério objetivo porque não é dado por ti, porque a encontras em ti.

Barberis. Fechamos com este último tema, que é precisamente o terceiro critério de que o Davide acabou de falar: a necessidade da Igreja e do mundo, logo, a vida como missão. O que significa sermos úteis ao mundo?

Tenho duas perguntas. Em relação ao A voz única do ideal, que lemos este ano, não percebo o terceiro critério: a necessidade do mundo. Como é que tenho de ser eu a responder à necessidade do mundo? O mundo não precisa de mim, anda em frente mesmo sem mim, aliás, talvez até ande melhor. Não tenho a certeza de que possa ajudar a resolver as necessidades do mundo, as problemáticas que o atravessam, o mundo permanecerá sempre o mesmo e de certeza que não serei eu a mudá-lo. A

segunda pergunta, na realidade, não tem a ver com este assunto. Por diferentes razões, estou contentes com o último período, com a forma como este ano está a correr. Junto a esta felicidade há, porém, uma pergunta, uma preocupação persistente: tenho medo de tudo aquilo que vivo, que de toda a beleza que estou a ver depois não fique nada, e que com o tempo ou o primeiro momento “não”, tudo desapareça. Por isso pergunto-me continuamente: «O que fica das coisas que me acontecem? Da beleza que vejo, das pessoas que encontro em mim e de mim nelas? O que é que resiste ao tempo?». Estando no fim do último ano, interrogo-me também sobre a escola: «O que fica destes últimos anos? O que é que resiste ao impacto do tempo? O que é que resiste à finitude das coisas e de mim?». Nada fica, mas então onde é que posso encontrar sempre um ponto sólido?

Olá, levar a sério o problema da vida e da sua utilidade para mim é pedir, perguntar. Já não consigo encontrar forças para seguir em frente com a minha vida. Como posso eu continuar a viver o meu dia-a-dia enquanto na Ucrânia há pessoas que morrem sob o peso das bombas? Como posso eu estar diante desta guerra? Talvez todas as coisas tenham um significado, já não consigo estudar como antes, já não consigo ver um avião no céu com serenidade, tudo se tornou opaco, distante, difícil. Como é que se faz para enfrentar ao mesmo tempo uma pandemia e uma guerra? Como é que podemos estar diante destas duas grandes guerras que fazem vítimas como num jogo de vídeo? Como é que me posso encontrar a mim mesma e à minha felicidade? Qual é o meu lugar neste caos? Para que sirvo? Para que posso servir? O que posso eu fazer? Qual é o meu caminho? São tudo perguntas que há meses trago dentro de mim, elas são o meu obstáculo diante da escolha da minha vocação, põem-me a cabeça em tilt e enlouquecem-me o coração. A maior ajuda? Deus. Há sempre alguma coisa à minha volta que me desperta; sempre que vejo um olhar diferente, vivo. Sempre que a minha vida me apresenta dificuldades que parecem impossíveis de ultrapassar, e que depois afinal ultrapasso com tranquilidade, sempre que O vejo, O ouço, sinto o Seu amor, sinto que Deus está comigo e que nunca me deixa. Sinto o Seu amor, um amor tão grande, tão infinito que é impossível não o devolver com igual força infinita e vê-Lo à minha volta, nas pessoas, nas ações, na minha experiência; dá-me a força e a vontade de estar diante destas questões, diante da realidade, diante da minha vida.

Prosperi. Muito bem! Respondo resumidamente. Muitas vezes, muitos amigos nossos já responderam a estas perguntas, por exemplo, um grande amigo meu, não apenas meu, mas de muitos, também de muitos dos aqui presentes, que vocês não conheceram porque são muito jovens, mas que podem conhecer através daquilo que se conta dele e dos livros que falam da sua história: o Enzo Piccinini. Dizia duas coisas, a primeira: «Pôr o coração naquilo que se faz»; a segunda: «É preciso não estarmos sozinhos». E esta – julgo – é uma lei da vida. É bom que vocês sintam que aquilo que nós fazemos é útil, é útil para o mundo, não acaba apenas numas contas nossas, mas é para uma coisa grande, que a nossa vida é para construir uma coisa grande, que sirva a alguém, que deixe uma marca! Nós não nos sentimos dignos disto, parece-nos que somos demasiado pequenos para isso, porém desejaríamos que fosse possível. O ponto não é deixar uma marca nos livros de história, mas uma marca no coração das pessoas, uma marca naquilo que fazemos, naquilo que somos, nos nossos amigos, para que a nossa vida tenha uma utilidade, tenha um sentido e estejamos no mundo para alguma coisa.

Então, como responder à necessidade do mundo? Vocês não o sabem, tampouco eu sei qual é a necessidade do mundo, e isto implica que, primeiro, devemos aprender a ajuizar aquilo que acontece para nos darmos conta de onde é mais útil, em podendo, empregar os nossos recursos. É mais útil em relação a quê? Em relação ao desígnio de Deus, porque quando uma pessoa encontrou o segredo da

vida, e o segredo da vida chama-se Jesus Cristo, o propósito da vida torna-se colaborar para que cresça no mundo a glória de Deus. Então onde podemos ser mais úteis? Vocês já o sabem? Não. Por isso é preciso não estarmos sozinhos, e a partir das nossas inclinações, dentro das circunstâncias que estamos a viver, perguntemos; se temos uma intuição, uma ideia, um desejo, confrontemo-nos, peça-mos a alguém mais velho para nos ajudar a ver, para que tudo seja levado em conta, para que tudo seja olhado na totalidade dos seus fatores, para que a nossa vida seja – pelo menos como ideal com o qual começar a fazer as coisas – vivida desde já com um sentido de utilidade. Que não comecemos nada com a dúvida de que possa não ter nenhuma utilidade.

Barberis. Concluimos aqui. Queria agradecer-te muito, Davide, por aquilo que nos disseste e queria relembrar uma coisa que sublinhaste ao princípio falando desta etapa do caminho: «É bonito porque é uma graça quando há momentos assim na vida; quando há circunstâncias que te obrigam a ser sério diante da vida são momentos de graça, porque marcam uma forma mais verdadeira de estar diante de todas as coisas. Porque uma pessoa apercebe-se de que não pode governar a realidade a seu belo prazer, que as coisas não são aquilo que nós queremos, não correm como nós queremos». Isto, não apenas o ouvimos, como o percebemos e vivemos no diálogo contigo esta noite, por isso obrigado.

Prosperi. Obrigado eu a vocês.

Barberis. Cumprimentos a todos, os presentes e os online. Boa noite a todos.

©2022 Fraternità di Comunione e Liberazione